Ano III (Segunda epoca) — Sabado, 4 de Março de 1908. — Num 12.

A LUCTA PROLETARIA

Órgão da Federação Operária do Estado de S. Paulo

A EMANCIPAÇÃO DOS TRABALHADORES DEVE SER OBRA DOS MESMOS TRABALHADORES.

ENDEREÇO: CAIXA DO CORREIO 580
SÃO PAULO (Brasil

OPERARIOS: SOMOS PEQUENOS PORQUE ESTAMOS DE JOELHOS. LEVANTEMO-NOS.

ESPEDIENTE

Condições de assinatura:

1 mez	$500
3 mezes	1$500
6 „	3$000
1 ano	6$000

A todos os jornaes operários pedimos a remessa de um esemplar para a redàção.

O encarregado do jornal pode ser encontrado na nossa séde todos os dias das 8 ás 4 e das 7 ás 9 da noite.

Os companheiros do interior que tenham possibilidade de organizar conferencias de propaganda podem contar com a cooperação do nosso redàtor: basta avisar-nos com alguns dias de antecedencia.

Toda a correspondencia para a *Federação Operaria* **deve ser dirijida á** CAIXA DO CORREIO 580.

O nosso Congresso

TEMAS

E' necessario que as organizações continuem na atitude de completa neutralidade em frente dos partidos politicos?

LIGA OPERARIA, *Amparo*
LIGA O. DE CAMPINAS, FEDERAÇÃO OPERARIA
Relator: *Julio Sorelli.*

E' util que as Ligas façam propaganda antirelijioza?

FEDERAÇÃO OPERARIA
Relator: *Pylades Grassini.*

Quais os meios mais praticos para dezenvolver a propaganda de organização operaria?

FEDERAÇÃO OPERARIA
Relator: *Espartaco.*

E' conveniente que as organizações operarias procurem dezenvolver a propaganda antimilitarista por todos os meios ao seu alcance?

SIND. DOS PEDREIROS, SANTOS.
Relator: *Luiz La Scala.*

Qual deve ser a atitude das organizações operarias nos cazos em que as arbitrariedades das autoridades cheguem ao auje?

SIND. PEDREIROS, SANTOS.
Relator: *Luiz La Scala.*

Haverá necessidade da mediação das Federações Estadoais entre a Confederação Rejional Brazileira e as Federações Locais?

SIND. DOS FUNILEIROS, SANTOS.
Relator: *José Louzada.*

Não será de utilidade a creação de uma universidade operaria para ilustração e educação do proletariado?

SIND. DOS FUNILEIROS, SANTOS
Relator: *José Louzada.*

Sera util a distribuição de subsidios em cazo de greves.

LIGA TRAB. EM MADEIRA S. PAULO
Relator: *Vittorio Garelli.*

Trarão algum rezultado as diversões de propaganda no seio das associações de classe?
Em caso afermativo quaes escolher de preferencia?

LIGA OPERARIA DE CAMPINAS.

Qual é o meio mais pratico para garantir a vida dum orgão defensor da classe?

LIGA OPERARIA DE CAMPINAS.

Será conveniente propagar nas organizações operárias a não admissão dos menores de 14 anos no trabalho?

SINDICATO DOS CARPINTEIROS, *Santos*
Relator: *Luis Bento.*

Qual'é o melhor meio para impôr indenizações pelos acidentes de trabalho?

LIGA DOS PEDREIROS, *S. Paulo*
SINDICATO DOS PINTORES, *Santos*
Relator: *Atonio Paes Junior.*

Que meio podemos adotar para impedir a crumirajem em cazos de greve.

LIGA OPERARIA, *Limeira*

Os delegados dos Sindicatos á Federação, devem votar de acordo com as deliberações das assembleias dos mesmos sindicatos, ou de conformidade com o seu modo de pensar?

UNIÃO DOS TRAB. GRAFICOS, *S. Paulo*

Devemos ou não combater a esploração das mulheres e creanças? Em caso afirmativo de que forma?

UNIÃO DOS TRAB. GRAFICOS, *S. Paulo*

Pagamentos aos operarios por semana.

LIGA DOS PEDREIROS, *S. Paulo*

Criação e desenvolvimento de cooperativas de produção e de trabalho, e ajitação pro "Livre Pensamento"

LIGA DOS PEDREIROS, *S. Paulo*

A organisação operaria e a tatica que se deve adotar.

LIGA DOS PEDREIROS, *S. Paulo*

Creação de uma escola noturna de geometria para os socios.

LIGA DOS PEDREIROS, *S. Paulo*

Continuaremos publicando os temas logo que nos forem remetidos, pelas Ligas aderidas, pedimos, novamente, a maior urjencia para dar tempo de serem conhecidos e discutidos antes da abertura do Congresso.

NAS OBRAS DA ESPOSIÇÃO

O matadouro — Vitimas e mais vitimas — Feitores malvados — Operários, àlerta!

Não faz quinze dias, um servente de pedreiro, Domingos Ferrari, morreu vitima dum dezastre nas obras da Espozição. Agora mais uma vitima, mais uma vida operária é arrancada à familia, mais um moço jovem, no pleno vigor dos seus 24 anos, acaba de morrer nas salas dum hospital por ter caído dum andaime das obras em costrução. A imprensa de S. Paulo, sempre pronta para todas as bajulações, que se encarrega de fazer-nos saber quantas vèzes um pequeno tirano mama durante o dia, e nos relata todas as besbilhotices das altas rodas politicas, não encontrou duas linhas de espaço para obrigar os mandões a averiguar os factos e ispècionar os trabalhos do pavilhão, para ver se havia responsabilidades diretas na desgraça que levou a vida a um chefe de familia, lançou á mais negra mizéria 5 crianças, e semeou a dôr numa familia operária.

Entretanto, sabia-se e sabe-se em São Paulo que esta desgraça é devida à falta de cuiado por parte dos encarregados das obras e que *Costantino Morganti* é uma pobre vittima da tacanhice criminoza dos que têm o encargo da costrução do pavilhão.

Dizem-nos os operários daquélas obras que os andaimes délas são perigozas armadilhas em que a vida dos operários corre constantemente risco não pela pouca solidez daquelês, mas pelos sistemas que ali são adótados. De facto, quando se transportam as táboas do andaime de um para outro andar, deixam-se as táboas do andar inferior despregadas e isto para poupar tempo ou talvez dinheiro.

Costantino Morganti, no primeiro dia em que ali trabalhava ignorava talvez este criminozo sistema; ao decer do ultimo andar pisou numa das taboas do andar, immediato que estando despregada, escorregou: e o pobre moço caiu da altura de 7 metros morrendo apoz 3 dias, na Santa Caza.

Portanto o nosso companheiro foi *assassinado*, no verdadeiro sentido da palavra.

Do cazo nimguem se interessou, talves porque as obras da Espozição estão sob a dependencia direta do govêrno. Mas nós, que não recuamos quando se trata de lançar à face de quem quer que seja o nosso protesto, afirmamos aqui o que outros não tiveram a corajem de dizer: *Costantino Morganti, operário metalurjico, unico arrimo da sua velha mãe e de 4 irmãos pequenos, moço de 24 anos, morreu por culpa dos encarregados das obras do pavilhão da esposição preparatória de S. Paulo.*

Em qualquer parte do mundo, acontecimento como este teria despertado e ajitado a opinião pública, aqui, em nosso paiz, a opinião pública só é despertada por ocazião das grandes recèções, só se ajita nos dias de parada militar. Os operários? Mas desta gente ha de sobra e e no Araça ha lugar em abundancia.

Pobre do Brazil!!!

***

Mas não basta.

Ha nas obras da Esposição homens tão brutos, tão malvados ao ponto de zombarem de todos os bons sentimentos humanos. Um dêles é um tal Martins mestre geral dos carpinteiros.

No dia em que o nosso infeliz companheiro caiu, diversos operários carpinteiros ficaram tão impressionados com o facto — e era natural que assim fosse — que abandonaram o serviço para acompanhar o pobre moço numa farmácia próssima e não voltaram depois.

No dia immediato, quando estes operários voltaram ao trabalho fôram brutalmente interrogados pelo tal Martins e este grande canalha ao saber que êles tinham faltado no dia anterior por ficarem impressionados com a desgraça do seu companheiro, disse têstualmente: «Olhem! vocês incomodam-se muito com isso. Pois eu não me incomodava embora êles morressem todos.»

E' possivel maior caradurismo e mais baixeza? Achemos que não!

Mas não basta ainda. O grande patife do Martins *quiz impôr a estes operários um dia de multa* pelo facto de não se terem apresentado ao trabalho.

Tamanha infámia fez perder a paciencia a esses operários, que não podendo suportar tal abuzo, semelhante oltraje à memória de seu companheiro, recuzaram-se a pagar a multa e preferiram abandonar o trabalho.

São estes os companheiros:

Joaquim Batista Gomes. Afonso Bafasco, Miguel Pastore, Andrea Napolitano, Vincenzo Mistero e Rafael de Tal.

***

As proêzas de Martins não acabam aqui — vão muito alem. Não podendo d'outra forma vingar-se dos operàrios, por estes não se terem sujeitado á sua prepotencia, procurou e conseguiu *roubar-lhes* uma parte do seu ordenado.

Antes de começarem a trabalhar, tinham èles tratado o seu jornal a 700 reis por hora ou 5$600 por dia. Bem Os dias que tinham feito antes de se despedirem do trabalho fôram-lhes pagos á razão de 4$600. Conseguiu, por este meio, cobrar não um, mas muitos dias de multa.

***

Pelo que acima dissemos fica portanto demonstrado:

1.º Que nas obras da Espozição não se faz conta da vida dos trabalhadores e não se procuram os meios para que a mesma seja ali garantida; pelo contrario adoptam-se sistemas que põem em continuo perigo a ezistencia dos operários que ali trabalham e qeu cauzaram a morte de Costantino Morganti.

2.º Que ha naquelas obras mestres tão brutos ao ponto de zombar da desgraça duma familia operária provocando a indignação de quem quer que seja.

3.º Que se têm tentado impòr um dia de multa a alguns operários por terem êles faltado meio dia ao serviço, devido a ficarem impressionados por um incidente que levou a vida dum seu companheiro.

4.º Que, por vingança, foi tirado do ordenado destes operários uma parte do dinheiro que êles tinham ganhado com o seu trabalho.

Não e nosso fim chamar sobre estes acontecimentos a atenção de autoridade nenhuma.

Não somos tão injenuos e bem sabemos que *lobo não come lobo.*

Pretender que as autoridades se interessassem *desapaixonadamente* da questão seria, por nossa parte, ridiculo.

A direção das obras porem, encarrega-se de mandar circular avulsos chamando operários para os seus trabalhos com muitas promessas iluzorias. A nossa tarefa è portanto esta: Trazer á luz do dia pelo nosso jornal que è jornal operário, que é lido por operários, que circula nas nossas associações, os acontecimentos dali afim de que êles, antes de aceitarem trabalho nas obras da Espozição, saibam o que os espera e como são tratados os operários que ali trabalham.

Continuaremos.

Reflècionemos

Se ha problema complecso e complicado é sem duvida a questão social, ou, para falar mais chãmente, a questão da mizéria.

Complicado em face das instituições e das teorias por estas prègadas, mantidas e sustentadas; facilimo, se os trabalhadores, — esses eternos burros de carga — soubessem atirar com a albarda ao ar e tomar conta dos instrumentos de trabalho e dos produtos por êles confeccionados e se negassem a sustentar tiranos e parazitas que sempre têm vivido do seu suôr.

Mas, pois que as coizas não estão nestas alturas, inevitavelmente, temos que esperar ocazião mais propìcia para a sua realização, fazendo o maior esforço possivel por ir preparando o terreno e armas adeguadas.

Que o problema eziste e que é precizo ter uma solução, prova-o o facto de até a burguezia, no intuito evidentissimo de mascarar a sua má-fé e a sua mistificação, procurar fundar hospitais, azilos, igrejas e sinagogas, escolas onde se ministra o ensino relijiozo, porque está convencida de que a caridade é que pode solver as dificuldades do estomago e de que a rebeldia é prova de irrelijião etc., etc.

Procurar rezolver o problema por este processo é uma grande e piramidal burla.

Felizmente, surjiu o sindicalismo revolucionàrio, que grande incremento vai tomando na Europa e que aqui entre nós vai lançando raizes.

Ultimamente surjiram dissenções sobre a marcha ou a orientação dos sindicatos e houve pateta que declarou que o sindicato « não deve combater o militarismo, a relijião, o estado, e nem a burguezia, mas tratar de beneficiencia, mutualismo e cooperativismo ».

Não é aqui ocazião para discutir beneficencia e coizas correlativas; isso pode-se fazer quando seja oportuno.

No entanto, há a salientar este facto: a beneficencia já deu o que tinha a dar, e o que é certo é que nunca deu nada. Ha sociedades de beneficencia bastantes, para aquèles que as pretendam-lá poderem filiar-se; logo, os trabalhadores àtivos e concientes não devem perder o seu tempo e o seu esforço em insuflar vida a um organismo que para todos os efeitos tem sido um cancro venenozo.

O sindicato é um meio de reúnir o maior número possivel de trabalhadores sem distinção de seitas nem de partidos, onde aprendam a sentir a necessidade de ser livres, felizes, e independentes.

Mas como é que isto se conseguirá? Discutindo; mostrando-se-lhes os crimes da burguezia, as arbitrariedades dos governos, os delitos da relijião.

Porque a verdade é esta: suprimam a discussão, num qualquer grupo, de relijião, de politica, de patronato e digamme então o que se ha de dìscutir. Estar calado?

Discutir pornografia barata edevassa?

Mas isso então, é fazer cretinos—não é fazer rebeldes!...

O sindicato pode e tem o dever de fazer propaganda sobre todos os assuntos que direta ou indiretamente afetam os trabalhadores.

E visto os burguezes os padres e os militares se coligarem e se entenderem contra o inimigo, qual seja as reclamações cada vez mais intensas dos trabalhadores, não ha razão, não ha lòjica quando se queira ter contemporizações para com os que as não têm comnosco nem nunca as tiveram nem nunca as terão.

Ha conveniencia, ha vantajem em fazer homens, em criar rebeldes. E isto só se fará quando se procurar deziludi-los completamente sobre as desvantajens desta sociedade. E isto só se conseguirá relatando-se e descrevendo-se as mentiras sobre as quais esta sociedade assenta—uns alicerces de lama e de puz e que como tal precizam ser derrubados.

Dizer-se, o contrário disto, ter-se em conta só o nùmero de quotas que se possam fechar no cofre ou conservar em depozito, para ser roubado por uns banqueiros bandidos, como aconteceu a algumas sociedades do Rio, ultimamente, é mistificar, burlar descaradamente os pobres dos companheiros injénuos.

E' verdade que ha acòlitos de vários credos, mas a argumentos opõem-se argumentos: vence-se ou é-se vencido.

Da discussão nace a luz. Alguns podem debandar, mas aquêles que ficam estão compenetrados do papel que lhes compete de dezempenhar e pode-se contar com o seu decidido apoio.

O número?! Sim é uma coiza bòa. Mas que seja um nùmero de unidades de valor — valôr moral, valôr intelectual. Se fôr um número de zeros. todos somados são iguais a um zero; com a agravante de, pelo número, se opôrem ás iniciativas que, sem o seu pezo, se levariam a cabo.

Se o nùmero, a multidão, dá rezultado algumas vezes, muitas outras só serve de obstaculo, de impecilho que muito prejudica nos momentos de àção.

Poucos, mas concientes!

PINHO DE RIGA.

Porque não compras a farinha de Matarazzo?

Porque êle não teve péna dos nossos irmãos e nós não devemos gastar os seus produtos.

CLAREZA

Para não falar mais no assunto de que aqui se tratou com a senha: «Fóra da Igreja não ha salvação»—peço aos companheiros da «Luta»; que me permitam esta pequena resposta aos companheiros Chiodi e Cruz. A minha intenção não foi desviar a orientação da «Luta», mas sim censurar o proceder de Chiodi, que, sempre que lhe é possivel, não deixa de atacar os companheiros de ideias anarquistas e o anarquismo, e é àquêles e a este que êle se refere: "Nas assembleias, quem mais grita, mais razão tem as vezes„ Nós é que não temos culpa de haver *gritadores*—ha-os porque ha motivos para isso. De resto, sempre démos aos operários os bons ezemplos de bôas iniciativas e sempre procurámos evitar que, êles se envolvessem em politica que não fosse a operária.

Quanto ao companheiro Cruz, êle não deixa de ter alguma razão; mais não compreenderá que era meu dever responder à critica que Chiodi fez aos *gritadores* (e um dêles era eu). Não me arrastou a rèplica a paixão de ideias: mas visto que o companheiro Chiodi diz que não se devia combater o Militarismo, nem a Relijião nem o Estado, eu só me limitei a dar a minha opinião, que é dever de combater esse monstro de 4 cabeças, que chama Burguezia-Militarismo-Relijião-Estado: quatro corpos e uma só alma.

S. Paulo, 30—3—1908

FRANCO

A's jovens proletarias

As cronicas dos jornais da Italia trazem um facto que achamos digno de ser apontado como ezemplo de conciencia e de dignidade operaria.

Em Torre Annunziata - *Italia - havia uma greve geral dos operarios de moinhos, que são ali numerozos.*

Uma bela moça operaria era noiva de um jovem trabalhador de moinho, e o cazamento devia realizar-se em breve. O namorado, para ganhar mais dinheiro, foi trabalhar como crumiro no moinho da caza Manso e Gennaro. Pois bem: a noiva, pondo de lado a sua paixão, despediu o namorado com estas palavras: "Não quero cazar com um traidor dos seus companheiros"

O acto muito simpatico da jovem operaria é aqui muito comentado.

NA "PAULICEIA„

Operários roubados. Canalhismo de esploradores. Contramestres brutais

Ha muito tempo que se sabia que na fábrica de fósforos «A' Pauliceia», estavam abuzando escandalozamente da fraqueza dos operários, para cometer contra êles as mais inauditas infámias.

Quiz apreciar de *visu* a condição daquêles desgraçados trabalhadores e procedi, por minha conta, a um inquèrito, cujos rezultados vou comunicar aos leitores da «Luta Proletária».

Os proprietários deste ergastulo são os senhores Brito Gomes & C.ia, verdadeiros tipos de vampiros, que se atrevem a cometer contra os productores das suas riquezas, àções que, em qualquer parte do mundo onde a *justiça* fosse uma coiza real, os teria levado direitinhos para o xadrez.

Convem notar que nesta fábrica estão empregados meninos de 7 anos para cima e grande quantidade de mulheres. Os homens são alí muito poucos, pois são preferidas as mulheres e as crianças que se sujeitam com mais facilidade á todas as ladroeiras.

E uma verdadeira ladroeira foi agora impunemente cometida: **No ultimo pagamento, as moças e as crianças que trabalhavam na sala de confeccionar pacotes e de colar sêlos fôram roubadas na metade da magra e mizerável quantia que aquêles bandidos lhes davam como remuneração do seu trabalho.**

Na ocazião em que estes operários iam receber o pagamento, foram espantados com uma noticia na qual não quizeram ao principio acreditar: *que a importancia do salário correspondente ao trabalho feito durante o mez seria diminuida em 50 por cento.*

De facto, assim foi. Os bandidos roubaram a estes trabalhadores metade do seu ordenado; pois as que deviam receber 10 receberam 5; as de 20,10; as de 50,25 e assim sucessivamente. Foi, naturalmente um coro de reclamações: todas eziji o pagamento intregal do seu trabalho. reclamaram contra este infame procedimento, gritaram com os ladrões mas de nada valeu, ou pelo contrário, valeu de alguma coiza pois *estes operários, que se atreviam a ezijir o que era seu, fôram todos despachados.*

Bandidos! Canalhas! Acontecimentos destes são tolerados aqui, em pleno seculo XX, aos olhos da policia, que àliàs se encarrega de dar a caça a inócuos manifestos que uma associação operária dirije aos trabalhadores da sua classe.

Mas... continuemos na espozição dos factos; os comentários, fálos-ei por ultimo.

Até hoje continuam em greve 25 ou 30 operárias, e se a greve não é geral é devido a um regulamento que os criminozos Brito Gomes & C.ia puzeram na sua fàbrica, no qual é dito que se os operários não avizarem, com antecedencia de 10 dias, que vão abandonar o trabalho perderão os seus ordenados. Isto quer dizer: *Não vos roubamos sòmente metade mas sim tudo o que haveis ganho.* Sei porém que todos os dias os operários pedem a sua dimissão da fàbrica e que, não se querendo sujeitar a tamanha infámia, procuram trabalho na fábrica «Violeta»

Para demonstrar até que ponto levam os S.res Brito Gomes e C.ia a sua audaz voracidade de gananciozos, basta dar um olhar á tabela de prêços que alì vigora. Em qualquer fábrica se paga, para confeccionar 120 pacotes — uma lata — a quantia de 200 réis. Até hoje os vampiros da «Pauliceia» para encherem a sua burra com mais umas gotas de suor proletário pagaram pelo mesmo trabalho 160 réis; agora foi esta quantia baixada a 130 réis. Isto vem dizer que é precizo trabalhar como bestas desde as 6 e meia horas da manhã até 5 horas da tarde para ganhar de 2.000 réis a 2.500.

Não basta ainda. Disseram-me que as contramestras da fábrica «Pauliceia» chamadas Mariotina Canore e Emilia Sucarina levam ao auje a sua brutalidade insultando as operárias que não trabalham.

Dizem élas que vão agora ficar gordas, que não têm mais nimguem que as incomode, pois élas e o gerente Frantz são ali senhores absolutos e podem fazer tudo o que lhes apetecer.

***

Pelo que acima espuz, fica bem patenteiado que a fábrica de fósforos «A Paulicea» é um covil de vampiros que não receiam praticar áções que são verdadeiros crimes, contra os infelizes que tem a desgraça de entrar na armadilha por esses bandidos preparada.

Quem é que, mais do que ninguem, merece minha censura?

São os operários que toleram as infamias destes grandes patifes, e que são incapazes de reajir e *de fazer justiça;* são os operários que consentem que seus filhos sejam roubados, esplorados tão escandalozamente; que suas irmãs e mulheres sejam insultadas pelos cãis de guarda dos senhores Brito Gomes & C.ia.

Em quanto houver operários que querem tão mal ás suas familias, que até permitem que seus parentes continuem a ser vitimas destes chupadores de sangue humana; emquanto houver operários incapazes de se rebelar contra estes mizeráveis as coizas continuarão como agora e os patrões continuarão a ezercer contra êles a sua áção criminoza.

Operários de Vila Mariana:

Demonstrai que a vossa conciencia compreende a necessidade da réação contra estes brutos; tomai o ezemplo dos vossos companheiros que se rebelaram contra os proprios vampiros. Não vos deveis submeter a trabalhar aos preços que Brito Gomes & C.ia pagam átualmente pelo vosso trabalho; não deveis ir trabalhar em quanto na sua fábrica não forem adóptadas as tarifas das outras. Demonstrai a todos os parazitas que o braço do operário é o produtor de todas as suas riquezas, que somos nós que os fazemos viver na sua ociozidade luxuosa. Não arruineis a vossa saude, não aniquileis o vosso organismo em troca dum salário mizeràvel. Sêde fortes, operários, e vencereis. E' o que vos dezeja o vosso companheiro.

ACRÁCIO.

Conferencia

Por iniciativa da Liga dos Pedreiros realisar-se-á uma conferencia de propaganda no suburbio do Cambucy—naRua dos Pescadores N. 44 as 2 horas da tarde de Domingo 5 do corrente.

Falará o companheiro Julio Sorelli.

UMA CONFERENCIA SOBRE O ESPIRITISMO

O cidadão Donato Donati, conhecido no meio proletario por ter dirijido o quotidiano *Avanti!* pelo espaço de mais de dois anos, fará no dia 16 do corrente Abril, no Salão do *Eden-Club*, ás 8 e meia horas da noite em ponto, uma conferencia sobre: *O Espiritismo deante da razão e da ciencia.*

Embora as questões deste genero não façam parte do programa da «*Luta proletaria*», seria a dezejar que os trabalhadores não faltassem à esta conferencia porque é bom que os proletarios conheçam todas as correntes do pensamento moderno para poderem formar-se um juizo prôprio a respeito.

Para os assinantes da *Luta proletaria* e os socios efetivos das varias Ligas ou Sindicatos aderentes á *Fedèração Operaiia*, o preço do bilhete de ingresso para a Conferencia é sò de Rs. 1$000. Ditos bilhetes podem ser procurados na Secretaria da Federação.

A Boicottagem á casa Matarazzo

Todos os operários que se podem emteressar por esta iniciativa são convidados para a reunião geral das comissões dos sindicatos que se realizará na prossima segunda feira 6 do corrente as 7 e meia da noite — Nesta reunião será nomeada uma comissão com encargo de tomar a peito a inciativa—

O dia de 8 horas

Importante folheto da Confederação Geral do Trabalho de França, traduzido espressamente pela "Luta Proletaria„.

Está quazi pronta a tirajem de 5000 ezemplares. Os pedidos podem desde já ser dirijidos á nossa redação: Caixa do Correio 580.

Preço 10$ o cento

Bazes do Sindicalismo

POR

Emilio Pouget

Editado pela biblioteca de *A Luta*, de Porto Alegre.

1 ezemplar	$200
10 ezemplares	1$500
50 »	5$000
100 »	7$500

Pedidos a esta Redacção.

Fora da Igreja não ha salvação

Envio o prezente artigo para ser inserido nas colunas da *Luta*, afim de que os operarios em geral se scientifiquem da cauza de tamanha polemica, que teve orijem nas objecções que eu fiz na assembleia das comissões dos sindicatos do dia 5 de março p. p.

Como se pedia o parecer dos prezentes a respeito da orientação da *Luta* até ao numero 6, rezolvi dizer na ocazião o que eu sentia sobre tal assunto.

Considerando que no seio das sociedades operarias ezistem crentes de qualquer politica ou relijião, e mesmo em conformidade com o artigo 5 das bazes de acôrdo, protestei demonstrando que a linha de conduta do nosso jornal estava sendo prejudicial para o movimento operario em geral, certo de estar em comum com as bazes de acôrdo do sindicalismo; achei oportuno demonstrar que as questões politicas ou relijiozas traziam atritos entre nós mesmos dificultando assim a luta do trabalho contra o capital.

Quanto á nota da Redacção a um artigo do colega Chiodi demonstrando que as minhas palavras não foram abafadas, mas que não tiveram eco na assembleia que as rejeitou quazi por unanimidade, eu protesto.

Depois de mim falaram 5 colegas: tres contrarios e dois compartilhando comigo e demonstrando que as minhas observações eram bazeadas no verdadeiro carater que deviam ter os sindicatos operarios.

Apoz longa discusão, o colega Sorelli, que prezidia a assembleia, declarou que reconhecendo mesmo que alguns artigos eram contrarios as bazes do nosso programa os inserira da mesma forma, para ver se suscitavam discussões entre operarios.

Disse que, estando próssimo o segundo Congresso Estadoal Operario achava oportuno que o mesmo rezolvesse sobre a questão; ficando assim prejudicadas as minhas observações e cauzando o não pronunciamento da assembleia.

Como pode ter lugar a nota da Redacção se a assembleia não resolveu? Com a plena convicção de queas minha observações traziam tamanha balburdia, não foi com admiração que li diversos articos a respeito, um dos quais orientado por informações diz: «Se é verdade, como afirma o companheiro Chiodi que a voz de um seu amigo fui sufucada, é justo o seu protesto.»

E continuando diz:

«O amigo queria ficsar limites arbitrarios à esposição de ideias nos sindicatos.»

Decerto o colega E. F. ficará convencido de que realmente a minha voz foi abafada, e que não queria impôr limites arbitrarios, mais sim relembrar que estavamos passando para o caminho politico, prejudicando assim todos os trabalhadores.

Ora, não posso compreender como se cai em contradições tamanhas, contradizendo com o que è real para estipular arbitrariamente.

O congresso devia deliberar o merito como a Redacção na sua nota diz que foram pela assembleia rejistadas as minhas observaçõe?

Pela verdade leia-se o numero do dia 7 de março; na relação da assembleia do dia 5 veremos que não consta absolutamente nada sobre o asunto em discussão.

S. Paulo, 1-4-1908

ALFEO AMBROGI.

O companheiho Ambrogi esqueceu-se, pela certa, duma coiza muito importante: Na assembleia do dia 5 de março deliberou-se, è verdade, de esperar a decizão do congresso sobre o assunto, mas decidiu-se tambem que até lá a *Luta* continuaria com a orientação actual, e se não se ezijiu a formalidade do levantamento do braço foi porque se reconheceu não haver necessidade dèla.

E disto devia estar convencido o mesmo companheiro, pois não ezijiu que o seu protesto fosse posto em aprovação.

Para evitar porem que, d'ora em diante alguem adopte nas polemicas o sistema do companheiro Ambrogi, não deixaremos, em qualquer motivo de ezijir o levantamento do braço embora. como aconteceu na assembleia do dia 5 de março; o epirito da reunião e o dezevolvimento das discussões, demonstrem, *a priori*. o rezultado da votação.

N. da R.

Boicotai os produtos Matarazzo.

O movimento em S. Paulo

Ajitação de barqueiros

Os transportadores de tijolos, como annunciemos no n. 10 da «Luta» aprezentaram, no primeiro dia deste mez, um *memorandum* aos proprietarios de olarias pedindo aumento de preço pela condução de tijolos em S. Paulo:

Logo apoz a apresentação do *memorandum* os trabalhos foram suspensos e só serão recomeçados nas olarias que acederem aos pedidos do sindicato.

Os barqueiros em greve fizeram sua primeira reunião no dia 2 e deliberaram de impedir *por qualquer meio* a áção dos crumiros que, porventura, tentassem furar o movimento.

Já cederam dois fabricantes de tijolos Eugenio de Freitas e José Bianco. Nestas duas olarias serão carregadas as barcas de tijolos.

Os grevistas continuam fazer as suas assembleias diariamente.

—

O Sindicato deliberou protestar contra o procedimento do socio Bonini Cesare, por ter êle vendido, em tempo de movimento, a parte da sua barca a um patrão de olaria tal Carmine Malatesta.

PELO ESTADO

Jundiaí

(*Andrea Ciccomartini*). Vou responder ao protesto que os operarios da Alfaitaria Cerri fizeram no Avanti! do dia 28 de março, e falando directamente a esses operarios carneiros, digo: Se na "Luta proletaria" eu publiquei as proezas do Senhor Cerri foi devido a vós.

Fostes vós que viestes contar-nos na Liga as mentiras, ou verdades que sejam, pois agora, após a vossa retirada não podemos julgar se élas eram verdades ou não. E agora vós publicais um protesto que dizeis ter feito sem que o patrão o soubesse. Eu creio que esta é uma mentira vossa, porque homens que são capazes de proceder do modo como vós haveis procedido não merecem a consideração de ninguem.

Diga lá uma coiza o Senhor Giorgio Santini: No dia immediato á questão do Pagani com o dono da Alfaiataria, e antes deste companheiro se transferir para Santos quem foi que, o chamou para a sede da Liga onde nos contou tantas historias contra o seu (agora bom) patrão.

Não foi o Sr. Santini que nos disse que o nosso companheiro tinha sido vitima da prepotencia do seu patrão?

Ha mais: o Sr. Santini nesta ocazião não aceitou o encargo de substituir o Pagano na reprezentação da Liga de Jundiai ao 2.º Congresso Operario?

Não se lembra o Sr. Santini do que disse junto ao moço que se dizia esplorado do seu mestre no jardim, na occazião em que eu ali me achava junto ao amigo Nacarato? Lembre-se bem disto o Sr. Santini e verá se não temos razão para chama-lo de puxa-saco.

E agora duas palavrinhas ao outro tipo que se assina Jozé Cappagner. Este sujeito é a terceira vez que volta a trabalhar na oficina do seu *honrado* e *honesto* patrão; não se lembra mais do que tem andado a contar pela cidade nas duas vezes que foi obrigado a sair daquela alfaiataria. Quer que o digamos? Escreva e será bem servido.

Dos outros não posso dizer nada, pois são menores e com uma promessa de aumento de salario ou qualquer outra deste genero que o Cerri lhes terá feito, assinaram o protesto que é um documento do qual o finorio do Cerri se ha de valer em qualquer circunstancia.

E por hoje, basta!

São Roque

(Anteo). Nimguem falou ainda na «Luta» da fábrica de tecidos de Roza Silveira & C.ia, desta cidade.

Entreranto, nestra fábrica têm-se cometido e estão-se cometendo abuzos sem número contra pobres operários, e alguns desses abuzos são, alem de abuzos, verdadeiras ladroeiras.

Ninguem ignora o que por ezemplo se passou aqui em relação ao operário Guido Lampo, mestre na secção da fiação.

Lampo tinha contratado o seu trabalho por uma remuneração de 150$000 réis por mez e mais 100 réis por cada quilo de fio produzido.

Conforme o costume que aqui vigora, no fim de cada mez êle so recebia dinheiro por conta, pois os operários só são pagos quando os patrões querem e como estes querem.

Quando, pelas artimanhas dum tal Domingos Zanoccolo contra-mestre da secção «tecelajem» o qual costumava maltratar e provocar todos os operários, o companheiro Lampo precizou de pedir a sua dimissão e sair da fábrica, tinha que receber dos senhores Roza Silveira & C.ia a importancia de 600$000 réis.

Se é verdade che a propriedade é inviolavel, este dinheiro, que pertencia ao operário Lampo e que, portanto, era sua propriedade, não podia per forma alguma ser-lhe negado. Os S.res Roza Silveira & C.ia recuzaram-se a pagar-lhe este dinheiro: apropriaram-se, pois, abuzivamente, da propriedade alheia -- portanto, roubaram: logos são gatunos. Ma são gatunos de mãos enluvadas: roubaram dinheiro que pertencia a um operário e não estão sujeitos ás leis: as cadeias são feitas para os que roubam um pão para matar a fome de seus filhos; para os que fazem greve para pedir um aumento de ordenado. Os outros, as das mãos lizas, podem roubar a vontade o ordenado dos operários: isto sem perigo de que alguem os incomode.

São Bernardo.

(Corr,). — No domingo passado, realizou aqui uma conferéncia de propaganda o companheiro Sorelli. O salão do teatro, no qual tem a Liga Operária a sua sede, estava repleto de operários e operárias das fábricas de tecidos e da fábrica de cadeiras desta vila. Sorelli falou mais de uma hora sobre a necessidade da organização operária, do aussilio que as sociedades de classe podem dar-nos e á nossa causa. Referiu-se á áção das mulheres operárias, a qual muito pode favorecer o dezenvolvimento do nosso movimento e fez votos para que entre os operarios de São Bernardo continue a reinar a mai perfeita armonia e para que todos trabalhem com amor e constancia pelo progresso do movimento operário do Estado.

Ao acabar a sua bela conferéncia foi o nosso companheiro muito comprimentado pelo numerozo auditório.

Fòrmas de Greve

E' bem conhecida a curioza forma de greve posta em pratica pelos empregados ferroviarios de Italia: o cumprimeuto rigorozo do regulamento. Ha ainda outras maneiras de fazer greve... continuando o trabalho. Cimetos o que succede nas minas de hulha belgas, segundo a narração de l'Etoile Belge:

A greve está officialmente terminada, mas continúa «proseguindo o trabalho.» No poço dos Valles, dependente das Huleiras Unidas, o rendimento dos operarios avalia-se em 150 toneladas menos, por dia; no Marquis, da mesma companhia, em 140 toneladas; em certos poços região de Roux-Gosselies, a producção diminuiu um quinto e mesmo um terço. Em presença desta situação, a direção do Gouffre, em Châtelineau, informou o pessoal do poço n. 8 que ia despedi-lo se êle não mostrasse mais actividade. No poço S. Bernardo, em Gilly, um ingenheiro fazia observar que o trabalho era nulo ou quazi. Responderam-lhe: «Fazemos greve trabalhando. Aqui estamos ao abrigo do mau tempo e da policia.»

Telegramas da Semana

Ajitações e greves

Em Turim - Italia - declararam - se em greve oito mil operários metalurjicos.

E' provavel uma nova ajitação dos metalurjicos de Terni - Italia. A direção das fundições de aço ameaça de mandar apagar os grandes fornos declarando a serrada.

Declararam-se em greve no dia 1 deste mez os condutores de bonds de Napoles—Italia.

Estão novamente em greve desde o dia 29 de Março os tipografos de Palermo — Italia — que tinhão voltado ao trabalho por um acordo com os proprietarios.

Receiam-se desordens.

Esplozão numa mina

(Nova York 29). Enformam de Hannal no Estado de Wyoming, que houve ali uma desastroza esplozão de grisú numa mina de carvão. O numero das vitimas é de setenta. Esperam-se noticias.

Ajitação de dezempregados

(Nova York 28). Nesta cidade houve hoje uma grande ajitação. Cerca de 10.000 operarios sem trabalho fizeram uma reunião e deliberaram de realizar uma demonstração na praça publica.

A cavalaria de policia interveiu querendo proibir a demonstração e procedeu com uma descarga conseguindo ferir alguns operarios.

Os demonstrantes reajiram e um dêles lançou uma bomba no meio dos soldados. A esplozão foi medonha. Dois soldados morreram e muitos outros ficaram feridos. Ha aqui grande ajitação.

Questões entre operarios organizados

A «Federação Geral do Trabalho» da Italia realizou no dia 30 de Março uma reunião geral dos reprezentantes para tratar de uma ajitação a favor dos condenados politicos.

Os reprezentantes de Bologna, Ferrara e Piacenza — que não tinham recebido o convite — queriam intervir na reunião e lhes foi proibida a entrada. Hõuve brigas e a reunião foi suspensa.

Anuncia-se que os reprezentantes aos quais foi proibida a partecipação á reunião—que pertencem a fracção sindicalista — realizarão uma reunião por sua conta.

LETTERA APERTA

Agli Operai del «Lyceo Artes e Officios»

Compagni Carissimi,

Di questi giorni una questione piuttosto acre è sorta fra voi e la nostra Lega e questa diatriba minaccia di far rovinare d'un tratto tutto il lavoro fatto in questi ultimi tempi, per stringere i lavoranti falegnami di S. Paolo con un vincolo di solidarietà e di compagnerismo—unica garanzia per il rispetto alla nostra dignità di uomini e di operai.

E se la questione non è troncata fin dal suo nascere, se un rimedio energico non si oppone per ristabilire nuovamente fra voi e la classe dei falegnami di S. Paolo quello spirito di compagnerismo che tende a sfasciarsi, il male — male enorme, incalcolabile per noi—che potrebbe derivarne dalla continuazione di un tale stato di ostilità, sarebbe forse più tardi, irrimediabile.

E mi son deciso a dirigervi personalmente la mia parola per vedere se quella stima, che fino adesso avete avuto per me, può ricondurvi a discutere la questione con calma e serenità.

Diciamolo subito: C'è qualcosa da censurare da ambe le parti. Impulsività eccessiva da parte della nostra Lega; trascuranza deplorevole da parte vostra.

A' fatto male la Lega a prendere quella deliberazione che á cagionato il vostro risentimento, ma male avete fatto anche voialtri quando—invitati—non vi siete degnati di intervenire ad una riunione dove le cose potevano essere facilmente appianate. Colla differenza che, da parte della Lega, v'è un attenuante importantissimo: Essa á creduto cosi di tutelare gli interessi di tutta la classe,

Voi dite: «Lavorando lo straordinario non abbiamo danneggiato la Lega.» E questo è uno sbaglio grandissimo, quando si sappia il motivo che aveva spinto la Lega a imporre l'abolizione del lavoro straordinario.

Dopo la conquista delle 8 ore, i padroni án tentato tutti i mezzi per ritornare all'orario antico. Non essendoci riusciti col *colpo di testa* di settembre son ricorsi ad un sistema, diremo così, gesuitico.

Ànno incominciato a far lavorare dapertutto un'ora di straordinario, sicuri che con questo mezzo sarebbero arrivati poco a poco al loro intento. Ed ánno avuto la dabbenaggine di dirlo, tanto è vero che possiamo citare qualche padrone che à detto sfacciatameute ai suoi operai che dopo due mesi di *straordinario* le cose sarebbero tornate al punto di prima; ossia le 8 ore sarebbero state rimangiate.

Ora, domando io: Non doveva la Lega mettere un rimedio a questo stato di cose? Indubbiamente si! Ed abbiam trovato un rimedio energico, decisivo, radicale Abolire definitivamente lo straordinario senza ascoltar ragioni da parte di nessuno.

E ci siamo riusciti. Detto fatto si son onominate delle commissioni, ci siamo agitati, ed abbiamo *imposto* ai padroni la cessazione dello straordinario.

Erano le cose a questo punto quando capita come una bomba in mezzo alla classe questa notizia: Al Liceo si lavora lo straordinario.

Siamo franchi, compagni carissimi, discutiamo con lealtà; non è vero che la Lega si è trovata in una condizione molto imbarazzante?

Se si fosse stati zitti i padroni — che si attaccherebbero al fumo della pipa pur di fiaccarci — avrebbero strillato come oche spennacchiate: Al Liceo si lavora più di 8 ore, dunque ne abbiam diritto anche noi!

E tutti i nostri sforzi? e tutto il lavoro fatto? Alla malora!

La Lega *doveva* dunque interessarsi, e vi abbiam chiamati. Nell'assemblea si sarebbe trovata la strada migliore. La vostra assenza à esacerbati gli animi ed i falegnami di S. Paolo che temevano — e con ragione — una levata di scudi àn veduto in voi dei cattivi compagni.

C'è stata però dell'impulsività. Prima di chiamarvi *crumiri* si doveva aspettare qualche giorno giacchè qualcuno di voi aveva già detto che lo straordinario sarebbe cessato al Liceu colla fine del mese. E sta bene, son sicuro anzi che la Lega riconoscerá di avere agito con troppa precipitazione e revocherà —è in obbligo di farlo— la sua deliberazione, tanto più che, fedeli alla promessa fatta, avete cessato di fare lo straordinario.

Ciò che resta a farsi ora é di evitare che le animosità fra voi e la classe dei falegnami continuino. E perciò è necessario dare un taglio alla attuale questione. Voi dovete tornare all'affetto, alla stima dei compagni.

I falegnami di S. Paolo non devono odiarsi perchè delle nostre bizze i padroni ne approfitterebbero a nostro danno.

Sappiamo che esiste fra voialtri una lotta intestina una scandalosa animosità che forse influisce nelle vostre azioni sociali. Non voglio neppur provarmi a rievocarne le cause e il principio. E' un fatto però che le vostre meschine questioni personali pregiudicano la vostra dignità e sono la causa dell'allontanamento da noi di qualche compagno. Per la vostra coscenza, pel bene della classe, voi dovete, operai del Liceu, abbandonare i vostri odi le vostre stupide questioni.

La «Lega dei falegnami» vi vuole, insieme ai vostri compagni delle altri officine, nel suo seno perchè al disopra delle vostre bizze, al disopra dei vostri odî c'è la lotta contro il capitale che ci abbrutisce e ci opprime.

Noi vogliamo ribadire i vincoli di compagnerismo e di amicizia fra *tutti* i falegnami di S. Paolo, ed io faccio appello alla vostra tolleranza alla vostra coscenza di operai.

Venerdì prossimo la Lega realizza come il solito un'assemblea. Voi, compagni, non dovete mancare, vogliamo veder presenti *tutti* i buoni amici del Lyceu, vogliamo in quella occasione ristabilire fra gli operai della classe la più perfetta armonia.

Non rispondere a questo appello sarebbe per parte vostra una mancanza di delicatezza. E sopratutto ricordatevelo: I padroni ci guardano, ridono delle nostre questioni e ne approfittano.

Nella speranza di stringervi personalmente la mano vi saluto.

Giulio Sorelli

Quanto costa un bombardamento

La guerra navale moderna esige delle spese enormi. E una battaglia marittima fra due squadre nemiche quando da in risultato la distruzione di alcune navi equivale alla distruzione di un capitale che basterebbe molte volte per alimentare il bilancio di uno stato già importante.

Una comparizione darà un'idea approssimativa di quanto é costato, per esempio, il bombardamento di Porto Arthur fatto dagli incrociatori giapponesi *Kasuga* e *Nishin*.

Il *Kasuga* ha 4 cannoni di 30 cm. che costano 156.000 franchi ognuno. Ogni cannone da 2 tiri al minuto (ogni tiro costa 2.000 lire). In cinque minuti i 4 consumano 160.000 lire di munizioni — I cannoni minori costano 90 mila lire e ogni tiro costa 350 franchi. Si tratta di 12 cannoni a tiro rapido che, in cinque minuti consumano munizioni pel valore di 175 mila lire. Oltre a ciò il *Kasuga* ha a bordo 30 cannoni di minor calibro che in 5 minuti possono lanciare 10 tonnellate di bombe e obici.

Gli specialisti hanno calcolato che una nave da guerra di prima classe può sciupare in munizioni in un'ora di combattimento: *Sei milioni e cento venticinque mila lire.*

Ecco dove si sciupano i nostri denari. E' così che si guastano tanti sforzi che potrebbero essere utilizzati in utilità vera in una società megllo organizzata.

Viva la guerra, perdio, e stringiamo la cinura!...

Ai sintomi buoni

É possibile l'organizzazione sindacalista, quando da questa si istigano gli operai a combattere i quattro nemici capitali: STATO, *Capitalismo, Clero e Militarismo.*

I sindacati combattono il *Capitalismo;* questa è la loro missione, e non altrimenti.

Bene; però in un articolo, *Sintomi buoni*, nel numero passato della «Luta Proletaria» *organo dei Sindacati di S. Paolo*, si consigliavano gli operai ad unirsi in seno all'organizzazione per combattere i quattro nemici capitali: STATO, *Capitalismo, Clero e Militarismo.*

Dopo le tante polemiche sostenute dalla stampa del mondo proletario, ed anche borghese, dopo le tante discussioni suscitate in seno ai congressi tutti di proletari sarebbe inutile cozzare ancora contro questo scoglio irremovibile dopo che la formola sindacalista appare chiara e netta: *fuori la politica.*

Dato questo, come può essere possibile che i sostenitori dei sindacati, se convinti della loro azione, si lasciano ancora trasportare dall'entusiasmo di fare della politica, se politica si chiama combattere lo STATO e di conseguenza il militarismo? Ciò dovrà provarci, per forza delle cose, che anche loro sono convinti della doppia azione delle organizzazioni proletarie.

Combattere lo STATO, il Clero, il Militarismo, è come dire combattere lo STATO stesso, giacchè Clero e Militarismo sono istituzioni che dallo STATO non possono andar disgiunte, perchè da essi è formato e sostenuto. Se al contrario i sostenitori dei sindacati, convinti della doppia azione di detta organizzazione e devano sottomettersi per forza di maggioranza disciplinare, lo facciano pure, ma non consiglino gli operai ad unirsi per combattere il *Capitale* e lo *Stato*, perchè contemporaneamente non lo possono, giacchè l'indole e la forma dell'organizzazione lo vietano.

Dunque se pur è così, perchè creare del confusionismo nel cervello tanto povero di noi umili operai, il quale intralcerà

senza dubbio il cammino, anche fecondo, dei sindacati. Non divaghiamo dalle forme, cerchiamo sempre disciplinare ogni azione di ciascuna istituzione senza menomare il loro scopo di origine e rimettiamoci sempre a questa per dar adito ad ognuno di scegliere con facilità un modo proprio, onde concorrere al miglioramento dell'umanità.

BALDASSARRE.

Caro Baldassarre,

Non posso esimermi dal dire anch'io quattro parole sopra una questione che agita attualmente la parte più attiva del proletariato locale. Ed è proprio con una mezza dozzina di parole che si potrebbe tagliar corto a tutte le polemiche attuali, queste:

« Noi navighiamo in un mare di granchi! »

Si fa è vero del confusionismo ma ciò è dovuto al fatto che coloro che hanno finora scritto sulla questione si son dimenticati che il giornale, pure essendo organo dei sindacati operai, é una libera palestra dove tutti — senza fare delle personalità e senzà attaccare i metodi di lotta di tale o tal'altro partito politico — possono dire il loro parere sulle questioni che direttamente interessano la nostra classe e che gli articoli *firmati* non han nulla che vedere coll'azione dei sindacati operai.

Perchè la polemica attuale avesse realmente valore bisognerebbe che si criticasse l' azione dei sindicati e non le opinioni di un individuo dal momento che queste opinioni non sono state accettate come facenti parte della tattica delle associazioni nostre. Come potrebbe la *Luta* esimersi dal pubblicare articoli che rispecchiano le idee di un operaio dal momento che queste idee hanno relazione colla sua, colla nostra causa? Padronissimo chi non condivide queste idee di scrivere un'altro articolo dimostrando il contrario, sempre però combattendo le opinioni *del firmatario* senza tirare in ballo e gli articoli delle basi e l'azione dei sindacati e ciò finchè in un congresso questi non abbiano accettata come propria l'idea di uno o di una maggioranza di aderenti.

Noi amiamo la discussione, però e necessario che essa non degeneri spostandosi dal suo vero cammino come succede colla attuale polemica.

E' un fatto che le associazioni operaie di S. Paolo non sono uscite di un millimetro dalla strada che è stata loro tracciata negli ultimi congressi: Neutralità davanti a qualunque partito politico. Disinteressamento delle questioni religiose.

E parlando di *neutralità davanti ai partiti politici*, non significa che le associazioni operaie devono disinteressarsi completamente della politica. Sarebbe assurdo soltanto il pensarlo.

Dal momento che lo stato è — sfido chiunque a negarlo — il sostentacolo del capitale ne viene di conseguenza che nella nostra lotta *economica* dobbiamo mettere in guardia i compagni contro la sua intromissione. Dal momento che i soldati ci prendono a schioppettate quando ci mettiamo in sciopero (Jundiahy informi) è logico che dobbiamo dire ai nostri compagni: Non andate a fare il soldato perchè la borghesia si servirà di voi nella sua azione ECONOMICA. Forse pretenderesti, caro mio Baldassarre, che noi per paura della politica, si continuasse a permettere allo Stato di stare nello stesso tempo con Dio e col diavolo lasciando che i nostri colleghi sperino da lui un aiuto che non può venire? o credi che ci si dovrebbe rassegnare a ingoiarci le famose *pallottole errabonde* senza neppur reagire?

Se così la pensi, caro Baldassarre, e se tutti la pensassero come te si starebbe freschi davvero.

Quello che bisogna osservare è che le nostre associazioni, *quando costrette a fare della politica*, faccino una politica *di classe*, nella quale tutti gli operai si trovino d'accordo e non accettino la tattica politica di un determinato partito, onde evitare che gli operai che questa tattica non condividono provochino questioni e relative scissure.

Così fanno i sindacati operai di tutto il mondo così abbiamo fatto noi fino ad oggi.

In quanto al resto, se non vogliamo continuare a navigare in un mare di granchi, ricordiamoci *che gli articoli del giornale quando sono firmati rispecchiano le opinioni di un individuo e nulla hanno che vedere coll'azione dei sindicati.*

TROTTOLINO.

Serviço Militar obrigatorio

« ... a conscrição, lei impolitica, odioza e grotesca. (*Apoiados. Muito bem*).

« Lei grotesca; porque vem plantar neste paiz a tirania militar de Guilherme II, como si tivessemos aliada contra nòs a America inteira. (*Apoiados*).

Lei odioza, porque vem ajitar sobre o povo o maior de todos os flagelos, que tem assolado este paiz. (*Apoiados*).

. . . . , ...

Ah! si o povo de minha terra ainda não repeliu terminantemente essa reforma indinha, é porque infelizmente todo o povo entre nós não sabe lêr. (*Apoiados*).

Mas logo que no meio deste povo — réu perante Deus e perante os homens, do crime de indiferença — a instituição inezoravel e sinistra fôr bater á porta de cada caza, como o anjo do esterminio nessa noite de assolação com que Deus puniu outr' ora aquele outro povo culpado (*muito bem*); quando os paiz, estendendo os braços, não encontrarem mais os filhos: então levantar-se-á neste paiz um clamor que ha de subir muito acima do trono e que Deus ha de ouvir, porque será o clamor das familias dilaceradas, das mãis feridas no intimo de suas entranhas.

E quando esse clamor pungentissimo de vozes infinitas dissér: « Que é de nossos filhos? Que é da flôr da nossas esperanças rezervadas por nós para as artes moralizadôras e bemditas da paz (*Muito bem. Muito bem. Palmas.*)... e entregues por vos aos habitos estereis e corruptores da vida militar?

Que é dessas almas, prole das nossas almas, onde tinhamos semëado o germen de tanta felicidade domestica e de tanta prosperidade nacional (*Muito bem.*) e que ou embebides por vós na vida absorvente dos quarteis, perderam-se para a patria, para a civilizzação ou cairam e vão cair, ceifadas pelas guerras que provocais com as vossas estultas ostentações, belicozas, com a vossa diplomacia inepta, com a vossa politica de iniquidade? (*Bravos. Muito bem. Muito bem.*) Quando soar esse clamor dos afètos mais sagrados, impiamente desconhecidos, Deus ajude e inspire o governo do meu paiz a sair-se bem no dia da conta... ».

— De quem são essas palavras? De algum manifesto antimilitarista? De algum energumeno?

— Não! Essas palavras são do embaixador do Brazil no Congresso da Haya que, tantos anos depois, com aquela inabalavel firmeza de opiniões que, sempre o caracterizou, apontava aì como um titulo de gloria para o Brazil, que ele não « *deperecia* » sob o fardo do serviço militar obrigatorio.

Aquelas palavras são do S.r Ruy Barboza. Estão no livro que, non ano passado, 1907, ele publicou em Lisboa. Ellas responderão ao ministro da Guerra, quando afirma que tal serviço é uma velha aspiração nacional.

M. A.

Importante reunião dos sindicatos

— São convidadas todas a comissões esecutivas dos Sindicatos á reunião do dia 6 Abril (segunda feira) as 7 e meia da noite para tratar a seguinte:

ORDEM DO DIA:

1.° Nomeação da Comissão para a festa da propanda das 8 horas.

2.° Nomeação do Comité para tratar: o BOICOTTAJEM A MATARAZZO.

3.° Varias.

Pedimos que ninguem falte o esta importante reunião,

O SECRETARIO.

O NOSSO CORREIO

Confederação Operaria — Rio. Receberam o nosso oficio de cuja entrega encarregamos um companheiro que para aì seguiu?

Respondam. O Manoel recebeu os 50 numeros atrazados? Querendo podemos dispor de maior numero todas as semanas.

Saudações a todos os camaradas.

Alonso — Ribeirão Preto. Está bem: esperamos correspondencia do companheiro Nisti. E' necessario que as correspondencias para serem publicadas cheguem aqui ate as quartas feiras á noite. Do contrario è precizo adiar a publicação Saudações.

Federação Local — Santos. Esperamos até quarta feira vossas noticias respeito aos representantes ao Congresso. E' preciso apressar os trabalho. Saudações.

J. Firmino — Amparo. Recebestes minha carta de 26 de Março? Fostes a Jundiai? Porque não escrevestes como te pedi? Um aperto de mão de. J. S.

Cofani — Piracicaba. Ti incarichi dell'affare del quale si parló in redazione? Perchè non ci fai sapere qualcosa? Scrivi prèsto e interessati per noi.

Saluti a Guerini.

Ferruccio — Limeira. Probabilmente non potrò venire il primo Maggio, in ogni modo vedremo di incaricare qualcuno, E le riscossioni? Ai ricevuto il tallonario? Saluti.

Reùniões

Metalurjicos — **O Sindicato faz uma reunião estraordinaria, Domingo 5, as 8 hora da manhã para tratar de assuntos importantes.**

União dos Sindicatos — **Ha reunião geral dos conselhos dos sindicatos na segunda feira 6, as 7 e meia da noite.**

Trabaladores em Veiculos — **Fazem reunião hoje — sabado — as 7 e meia da noite, para tratar da festa de propaganda e dos assuntos que se referem á officina de Alberto.**

Pede o sindicato o comparecimento de todas.

O dia de Oito horas

Na primeira quinzena deste mez, estará pronta a tirajem de 5.000 ezemplares deste folheto—o primeiro da coleção da "Luta Proletaria" que o tem publicado em folhetim.

Demonstrar a utilidade duma publicação como esta é, cremos, desnecessario, bem convencidos disso devem estar os companheiros que têm acompanhado na "Luta" a leitura do interessante livrinho da Confederação Geral do Trabalho de de França.

E' de toda a utilidade que o folheto *O dia de Oito horas* tenha a maior difuzão possivel entre o operariado deste e de outros estados do Brazil; e, com este intuito, já foi deliberado — na reùnião geral dos conselhos dos Sindicatos de S. Paulo, do dia 23 do corrente — oferecê-lo a todas as nossas associações ao preço de 10.000 rs. o cento inclusive as despezas do correio; aconselhando-se ás mesmas a distribuição gratuita ou a venda a preço voluntario entre os operários da respetiva classe.

Fazemos um calorozo apêlo á todos os sindicatos operários do Brasil e a todos os que se interessam pela nossa propaganda. Que não se descuidem desta iniciativa que pode dar, e dá efètivamente, um duplo rezultado; àtivar no Brazil a propaganda das *8 horas de trabalho* e ajudar a publicação da "Luta Proletaria,, que ainda preciza — e não pouco — do aussilio de todos os bons companheiros.

O folheto será vendido *avulso* ao preço de 200 rèis.

Os pedidos devem vir — se fôr possivel — acompanhados da respétiva importancia e podem, desde já, ser endereçados á nossa redáção: Caixa do Correio 580.

Não compremos os generos de F. MATARAZZO & C.

FRAZES E PENSAMENTOS.

— Ves aquele muro?
— Vejo, meu general.
— de que cor é?
— Branco, meu general.
— Digo-te que é preto. De que cor è?
— Preto, meu general.
— E's um bom soldado.

Victor Ugo.

FOLHETIM

N. 1

A RAIZ DO MAL

DE

LEÃO TOLSTOI

I.

E' no meio dum campo que está situada a fábrica, que se rodeia de um muro fechado, com as suas chaminés altas, fumegantes e os altos fornos que se avistam de lonje.

Junto á fábrica corre a linha férrea particular e, duma e d'outra banda, alinham-se as choupanas dos operários e empregados.

Nas minas e na fábrica, que é o centro da esploração, formiga um mundo de trabalhadores: — uns colhem e cavam o minèrio a duzentos metros abaixo da terra, em galerias escuras estreitas, sem ar, ùmidas, ameaçados constantemente pela morte e desde pela manhã até a noite; outros, acurvados na escuridão, transportam esse minèrio ou essa arjila, conduzindo as vagonetes até aos pòços, voltam a enchê-los de novo, e trabalham toda a semana doze ou quatorze horas por dia.

Mas isto é só o trabalho das galerias.

Entre os operários, que activam a pressão dos altosfornos, uns trabalham chegados ás fornalhas, suportando um calor ecsessivo; outros vijiam o vazamento da fundição e das escórias. Em suma, nas oficinas, os maquinistas, os fogueiros, e os carpinteiros súam toda a semana numa media de doze a quatorze horas por dia.

Ao domingo todos estes operarios recebem a sua fèria, lavam-se e, algumas vezes, mesmo sem esse beneficio hijiénico, procuram distrair-se nas tabernas que em volta da fabrica os prendem e seduzem.

Na segunda feira, logo de madrugada, voltam de novo a curvar-se á rude carga do trabalho habitual.

A' roda da fàbrica, os aldeões trabalham com os seus cavláos éticos, cansados, arroteando os campos que não lhes pertencem.

Levantados desde o romper da manhã, quando não passam a noite de vela, junto dos pantanos ou nos sitios das pastajens, estes aldeões atrelam os cavalos e, munidos dum pedaço de pão, dirijem-se para os campos dos outros.

Por um lado os britadores de pedra, assentados no solo, fazem montes de calhaus ao abrigo de uma especie de esteira. Têm os pés feridos, as mãos calozas, o corpo sùjo e desmazelado, os cabelos e a barba cobertos de pó, assim como os pulmões empregnados de poeira.

Tomam uma pedra da pilha, colocam na entre os pès, enrolados nos andrajos ou calçados duma espécie de sandalia ou alpercatas, ferem-na com um pezado martelo até que a pedra se divida em partes mais pequenas, e esses bocados são ainda reduzidos de modo que possam servir de cascalho para macadamizar a estrada.

Estes homens levam nesta dura tarefa desde o romper da manhã atè á noite, isto é, durante quinze ou dezesseis horas. Dormem apenas duas horas depois do jantar, e duas vezes, de manhã e ao meio dia, comem um pedaço de pão e bebem uma porção de agua para se reconfortarem.

Eis aqui como vivem esses mineiros, esses operários de fábrica, os aldeões e britadores de pedra desde a mocidade até á velhice. Esta penoza ezistencia è partilhada com as mulheres e com as mãis, sujeitas a trabalhos superiores ás suas forças, que lhes cauzam doenças do utero, partilhada tambem com os pais e filhos mal alimentados, rôtos, subordinados, até á velhice, desde a infancia, a um rigôr ezajerado de actividade que lhes deteriora a saùde.

Subitamente, ao som de guizeiras, um caleche passa deante da fabrica, rente aos britadores e ao lado dos aldeões.

Este caleche tambem passou por entre homens e mulheres esfarrapados que erram, dum sitio a outro, esmolando um pedaço de pão pelo amor de Deus. O caleche è tirado por quatro cavalos baios perfeitamente ajaezados. Qualquer destes cavalos — os piores valem por si mais do que o fraco apojio dos pobres britadores espantados deante da equipajem. Duas moças estão sentadas nos assentos de traz da carruàjem, cobertas por umbelas vistozas; cada um dos seus respectivos chapeus de plumas e de enfeites de toda a sorte e de cores variegadas, vale mais que um cavalo lazarento dum aldeão; em frente delas senta-se um oficial de dolman de verão muito branco e fresco, cujos botões dourados refuljem ao sol. A carruajem é guiada por um cocheiro petulante, vestido á russa — uniforme de veludo e canhões de seda azul.

Faltou pouco para que èle atropelasse um mendigo e fizesse empinar uma carroça vazia conduzida por um homem, cuja camiza estava suja e manchada com as nodoas do minerio.

— Oh! olhe p'ra isto!, — grita o cocheiro ao condutor da carroça, que tardara em afastar-se, e brandindo ao mesmo tempo o chicote. O aldeão tem as rédeas numa mão e com a outra descobre amedrontado a cabeça piolhoza.

Atraz do caleche rolam sem ruido duas bicicletas; — dois senhores e uma dama, cujas máquinas niqueladàs brilham á luz do sol; os ciclistas riem ás gargalhadas dos desgraçados que èles assustam na passajem. Do outro lado vão dois cavaleiros: um homem que monta um cavalo inglez e uma dama que leva o seu cavalo a passo travado.

Não falando do preço dos respectivos arreios, o chapeu negro, com seu veu de lilaz, vale tres mezes de trabalho do britador de pedras e o chicote de amazona, à moda ingleza, custára uma soma igual á que recebe, por semana, um rapaz engajador de operários que neste momento ali passa, arredando-se para melhor poder admirar com satisfação o grupo de cavaleiros e um enorme cão de raça apurada, com uma coleira cara, que os segue com a lingua de fóra.

(Continua)